

Uma crítica dialética nas artes visuais

LUIZ RENATO MARTINS*

Tão urgente quanto difícil é a tarefa de sintetizar a riqueza deste artigo tais as vias que abre. A começar pelo que destrói. Dinamita os termos da, em geral, inócua querela entre “modernistas” e “pós-modernistas”.¹ Ato contínuo, o rombo aberto no muro das ideias recebidas faz ver uma vertente esquecida, mas decisiva, da história da “arte moderna” ou do “modernismo”.

Aqui nos limitamos à sua negatividade, ciente do que destruir. Quais seus alvos e bases históricas? Ao leitor, o desafio de tecer por si outras tramas possíveis a partir dos fios puxados por Craven à tradição marxista, implicando: Baudelaire leitor do Marx de 1848; o “desenvolvimento desigual e combinado”; teses de Benjamin sobre a história; a vertente símile na “*nuestra america*” (Martí, Mariátegui, as revoluções mexicana, sandinista etc.), bem como obras de Thompson, Sweezy, Williams, Anderson, Berman, Bürger etc.

Como a via do modernismo alternativo foge aos dogmas da historiografia formalista? Seu primeiro alvo é a “doutrina Greenberg”, um marco da historiografia formalista do “modernismo”. As raízes de tal doutrina – a “pura visualidade”, de Konrad Fiedler, e o “opticalismo” francês –, remontam respectivamente, na Alemanha, ao processo bismarckiano de modernização conservadora, e na França, à restauração e despotismo ligados ao massacre da Comuna, origem do período dito *belle époque*.

* Professor do Departamento de Artes Visuais, Escola de Comunicações e Artes, (ECA), da Universidade de São Paulo (USP).

¹ Para notável exceção, ver Callinicos (2011).

Em síntese, o alvo de Craven é a ideia de modernismo análoga ao que Marx denominou na política de *bonapartismo*: a concepção tecnocrática da arte moderna como discurso específico infenso à guerra de classes e às lutas anti-imperialistas. Com efeito, foi tal noção, de arte *pura*, fruto de uma habilidade especializada e sem referentes reais, que gerou uma língua franca internacional nas artes visuais, e nutriu a criação de uma rede de museus de arte moderna, paralela à das instituições financeiras globais (Gatt, Banco Mundial, FMI etc.). De fato, as noções de “forma estética” e “moeda forte” como agentes modernizadores transitam por vias, senão iguais, paralelas.²

Porém, a noção de modernismo alternativo não rebaixa o teor negativo da arte. Ao contrário, Craven elege como exemplo na pintura a Diego Rivera, coautor, com Breton e Trotsky, do programa “Por uma arte revolucionária e independente” (1937).

O ato reflexivo de radicar a força crítica e experimental do modernismo no campo anti-imperialista leva Craven a estabelecer os vínculos da poesia anticolonial de Darío³ com a arte catalã radical, libertária e anticapitalista, de Gaudí e Picasso, ou seja, com a estratégia destes de pôr a arte moderna como ação de síntese que abrange o resgate do passado e a superação crítica do presente, avistado como “monte de ruínas” – passos estes que antecipam ou até estão na raiz das figuras do “salto dialético” (tese XIV) e do “anjo da história” (tese IX), de Benjamin (Benjamin, 2005, p.87 e p.119).

Por último, o texto (Craven, 1996), apesar de pródigo em referir obras hispano-americanas, não faz referência ao debate brasileiro sobre a “formação”, pois com este Craven só veio a ter contato tardio.⁴ Mas o interesse de entrecruzar ambas as discussões salta à vista. Nos últimos anos, Craven planejava escrever sobre a arte e o debate brasileiro, e a obra crítica de Mário Pedrosa. Norte-americano anti-imperialista, era apaixonado pelas Américas mais ao sul, a cujos movimentos sociais e políticos atribuía papel decisivo para a transformação do Norte. Quem escreve teve a honra de ter sido seu amigo.

2 No Brasil, um observador pode notar que a operação de publicação da obra de Greenberg (1996) – um esforço de dotar a flacidez da arte contemporânea de um implante moderno sintético ou “siliconado” – é simultânea a um programa econômico centrado numa moeda apregoada como forte e dita até “real” (sic) – quando se sabe que o realismo, na verdade, não é o forte das moedas...

3 “Eres los Estados Unidos, eres el futuro invasor...” (Darío, 1994, p.255-256 *apud* Craven, 1996, p.32).

4 Amigo e interlocutor direto do sandinismo, Craven tornou sua cadeira de História da Arte, na Universidade do Novo México (Albuquerque) um fórum de pesquisas e debates sobre o anticolonialismo, especialmente ativo em relação à arte mexicana e centro-americana (Nicarágua e Honduras). Faleceu de um ataque cardíaco fulminante em fevereiro de 2012. A revista marxista londrina *Historical Materialism* (<http://www.historicalmaterialism.org/>), v. 20, issue 3, dedicou-lhe um dossiê de 25 páginas (p.111-136), preparado pelo editor Steve Edwards (Edwards, 2012), que inclui, além de textos, uma entrevista – muito densa e instigante acerca dos “marxismos da América Latina”, “Marxism, Art and Histories of Latin America” –, bem como uma bibliografia seleta.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. Trad. Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Müller. In: LÖWY, M. *Aviso de incêndio: uma leitura das teses “sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- CALLINICOS, A. *Contra el posmodernismo (Against Postmodernism, 1991)*. Trad. Magdalena Holguín. Buenos Aires: Razón y Revolución / Biblioteca Militante, 2011.
- CRAVEN, D. The Latin American Origins of “Alternative Modernism”. In: *Third Text*. London, Continuum, 36, 1996, p.29-44.
- DARÍO, R. A Roosevelt. In: *Rubén Darío poesía*. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1994, p.180 *apud* CRAVEN, 1996.
- EDWARDS, S. David Craven (1951-2012): Marxist Historian of Art from *las Americas*. *Historical Materialism: research in critical marxist theory*. Leiden: Brill, v.20, issue 3, 2012.
- GREENBERG, C. *Arte e cultura*. Trad. Otacílio Nunes. São Paulo: Ática, 1996.
- LÖWY, M. *Aviso de incêndio: uma leitura das teses “sobre o conceito de história”*. Trad. W. N. Caldeira Brant e, das teses, J-M. Gagnebin e M.L. Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARTINS, Luiz Renato. Uma crítica dialética nas artes visuais. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.37, 2013, p.133-135.

Palavras-chave: Arte; Dialética; Cultura.